

## África

SERÁ desta?...

A propósito da visita a Moçambique, em Maio passado, da Ministra do governo inglês para a África a fim de preparar a recente Cimeira dos G-8 no Canadá, tomo conhecimento de uma nova filosofia «no relacionamento do mundo desenvolvido com África (...) deixando para trás o relacionamento de tipo *doador-recipient* (sic) do passado. E os líderes africanos acolheram positivamente este passo».

Ora pois, se não haviam de acolher?! No patamar antigo destas relações considerava-se quem recebe como um passivo, ao qual caberia aceitar o dom, agradecido; e retribuí-lo, se fosse capaz, com uma gestão honesta e eficaz. Uma postura esmolera, indigna de quem dá e indignificante para quem recebe. E, por isso mesmo, estéril como quase sempre se tem verificado.

Agora há uma diferença substancial — que Deus abençoe e faça frutificar!

A NEPAD (Nova Parceria para o Desenvolvimento de África), «estratégia concebida pelos líderes africanos», aparece como interlocutora, com «o objectivo de colocar o Continente em caminho e em direcção a um crescimento e desenvolvimento sustentáveis». Sustentáveis — entenda-se — por eles próprios, mercê de ajudas que devem ser da natureza de um arranque: O motor não pega... — haja quem dê a mão e empurre até que o carro deslize realmente como *automóvel*.

«A NEPAD foi aprovada pela OUA em Julho de 2001 por toda a África e o seu relatório de actividades apresentado (como peça fundamental) na reunião inaugural da UA (União Africana)» que teve lugar em Durban nestes dias e substituiu aquela organização. «Os objectivos de um crescimento e desenvolvimento sustentáveis têm, para a NEPAD, no seu epicentro, a importância de uma boa governação política e económica».

Continua na página 3

Não resisti à tentação. Fiquei nela. «*Estás a ver se meavas*».

O homem pedia-me que lhe pagasse a matrícula do filho na Escola infantil de uma Misericórdia.

Acerca de mês e meio, já lhe havia dado dinheiro para o mesmo fim de outro filho, e, agora, vinha ver se eu lhe custeava a inscrição do segundo.

Que não podia trabalhar, que estava tuberculoso, que a mulher também era doente, que vivia só do rendimento mínimo, etc.

Ouvi sem atenção e barafustei contra tanto dinheiro que se gasta, nesta zona, em foguetes pelas festas e disse, disse, disse...

Que não éramos Misericórdia, que somos pobres, que vivemos só do nosso trabalho e do que nos dão, que temos a nosso cargo, só aqui, mais de cento e trinta rapazes. Que não dava nada. Que se fosse embora.

O homem sentou-se e ficou ali à espera que eu passasse para me lançar vários pregões:

— Tenha pena de mim. São só quarenta euros. Já me ajudou de outra vez.

Continua na página 3

## TRIBUNA DE COIMBRA

### Um ar de férias

FINAL de tarde deste Domingo de Julho. Respira-se um ar de férias nesta Coimbra deserta de estudantes e professores. Foi um dia de Verão bem proporcionado para festas e folguedos que pululam pela Região. Ainda se ouve o troar do foguetório, sinal de festas, de procissões infindas, de santos e padroeiros que acabam de regressar às suas ermidas e santuários enquanto os devotos prometem voltar no ano seguinte na expectativa de que o ritual se cumpra. As festas e romarias são grandes encontros humanos. Encontros que em geral comportam a matriz cristã no que há de mais emblemático: os seus santos. Homens e mulheres que viveram, quantas vezes, em situações difíceis um amor radical a Cristo e ao Próximo... a custo da própria vida. Santos, homens e mulheres; impregnados de optimismo, do optimismo com que Deus olha a Humanidade, alegres e felizes por se darem aos outros por amor a Cristo. Desafiam-nos, a nós e aos nossos critérios de fé tantas vezes norteados por valores em nada condizentes com a homenagem que se lhes presta. É belo que as comunidades cristãs se empenhem em cumprir os seus rituais festivos para com os seus padroeiros, pois que a dimensão festiva é uma das mais profundas da alma humana e promove e unifica os sentimentos humanos. Promova-se a partilha fraterna, partilhe-se com os mais pobres os lucros obtidos. Assim, o mesmo empenho nos Pobres tal como é posto nos adornos dos andores e nos altares ou no troar dos foguetes. Nem sempre se encontra coragem para travar ou orientar gastos e lucros. Remar contra

Continua na página 4

## Praticando o Bem

### Dificuldades

ERA uma manhã fria, surpresa para mim, deste Julho que vai correndo.

Meio encostado à parede da tipografia, onde se faz o Jor-

nal, avistei um homem que, ao notar a minha aproximação, começou a engelhar a cara e a torcer-se, tomando aspecto de grande sofrimento.

O rosto não me era estranho, mas não o descortinei logo.

«*Estás a fazer-te à esmo-*

*la*», pensei com os meus botões. Pecados meus. Não julgues para não seres julgado — avisou o Mestre. Só ele vê por dentro. Nós ficamos pelas aparências. É, por isso, necessário precavermos sempre do nosso juízo acerca do semelhante.

Continua na página 3

## MOÇAMBIQUE

### Senhor eles são mais teus do que meus

ESTEVE aqui há poucos dias um dos primeiros que vieram da rua, ainda em 1991. Daqueles já espigados, cuja idade fazia reear a possibilidade de adaptação. Outro que veio no mesmo dia, alegando precisar de ir à cidade, foi e não voltou. Soubemos que foi receber a partilha de um roubo que o seu grupo tinha feito antes de vir. Mas este de quem vou falar, ficou connosco cerca de três anos. Chegou a frequentar a quarta-idade e aprendeu, no campo, a conduzir o tractor. Ia inspirando confiança.

Um dia, foi necessário levar uma carrada de blocos à Massaca, para uma casa em construção e deixou o tractor em lugar escondido. Fomos alertados pelo facto de o mesmo estar parado, com o motor a trabalhar, há bastante tempo, e nada dele aparecer. Toca a procurá-lo. Quando interrogado, tenta explicar-se com uma história complicada, que não convenceu. Estava perturbado e foi fácil encontrar o motivo. Tinha descoberto, por ali, onde se vendia droga e foi para longe tomá-la.

Depois não demorou que voltasse à rua, ao grupo e ao roubo. Aconteceu até que andando pela cidade, deixei o carro e quando regresssei, o que sempre me acompanha e ficou de guarda, disse: «Fulano esteve para assaltar o carro, mas quando viu que era o nosso, da Casa do Gaiato, desistiu». Não apareceu mais a cumprimentar, como fazem outros que não se aguentaram aqui. Fomos sempre sabendo algumas notícias dele. Andou pela África do Sul, onde certamente se especializou um pouco no roubo, pois, não tardou a entrar na cadeia e por lá ficou uns anos.

Agora, envelhecido e doente, não tem mais de vinte e quatro anos, quebrado de forças, aparentando estado avançado de doença incurável, vem até nós pedir ajuda. Não lhe é negada, como também a outros, que daqui se foram sem preparação consolidada para uma vida responsável, depois de amargar as condições miseráveis em que vivem tantos jovens moçambicanos, e aqui voltam a pedir ajuda para continuar estudos ou fazer algum curso que lhes garanta ao

menos o pão. A este porém o muito que vamos fazer será pouco, dado o estado avançado da doença.

Ao considerar este caso, angustio-me ao pensar em tantos jovens que nesta cidade de Maputo, nas escolas, na rua, na praia, nas bôites ou até em suas casas, deixam passar o tempo, sem um acompanhamento sadio dos seus responsáveis ou uma motivação que os liberte da atracção da vida fácil. Conheço casos de pessoas de grande craveira profissional, que procuraram ser bons educadores e têm uma vida económica muito austera, porque os filhos lhes sugam quanto ganham. Serão mesmo do cimo da pirâmide social, mas na base desta, como num prédio, está o esgoto e este a céu aberto.

Reclama-se tanto do lixo exposto pelas ruas, como um desleixo do município, mas a verdade é que todos o produzem. Porém o lixo moral, de que todos somos responsáveis, é exposto nos meios de comunicação social e até em grandes cartazes, à laia

Continua na página 3



Os dois mais pequeninos com o «Papá» Vicente



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**PORTUGAL MAIS VELHO** — O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgou os dados provisórios dos Censos 2001 relativos ao envelhecimento demográfico, os quais revelam um aumento da proporção das pessoas idosas (65 anos ou mais), em relação à população mais jovem (0 aos 14 anos) e em idade activa (15 aos 64 anos).

De acordo com os dados dos últimos censos, a população idosa em Portugal registou um crescimento de 140 por cento nos últimos 40 anos. De 1960 até 2001, o número de idosos por cada 100 jovens passou de 27 para 103.

Em 2001, recensearam-se 1.702.120 idosos, um número que corresponde a 16,4 por cento do total da população (cerca de 10 milhões), quando em 1960 a proporção era de oito por cento. Enquanto em 1960 havia oito pessoas em idade activa para cada idoso, em 2001 esse número decaiu para metade e passou a haver quatro indivíduos em idade activa por cada idoso. O envelhecimento da população é reflexo do crescimento do índice de longevidade (número de indivíduos com mais de 75 anos e mais anos no total da população idosa) acompanhada pela diminuição do número de jovens.

Os dados publicados pelo INE revelaram ainda que 32,5 por cento das famílias residia, pelo menos, com um idoso, e estas são as que revelam piores condições de vida, em termos de pobreza, devido às pensões serem baixas e as condições de alojamento precárias.

O INE divulgou estes dados para se associar à II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que começou ontem em Madrid e decorre até 12 de Abril. Portugal, cuja população com mais de 60 anos, em 2050, ultrapassará os três milhões, está entre os países que a partir de ontem discutem em Madrid os problemas do envelhecimento.

A cumprirem-se as estimativas, no ano 2050, haverá mais idosos do que jovens a nível mundial, com a população com mais de 65 anos a ultrapassar em número aqueles com menos de 15 anos. Na Europa a percentagem de idosos poderá chegar aos 37 por cento (contra os 20 por cento actuais), prevendo-se que Portugal passe dos actuais 2.120 milhões de pessoas com mais de 60 anos para 3,217 milhões.

**PARTILHA** — «Para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus remeto um vale na importância de 470 euros. Peço que não mencionem as importâncias». Fazemos sempre assim.

Assinante 9277, de Coimbra, com um cheque de 100 euros para ajudar os mais necessitados. São tantos que tem que se dividir o melhor possível.

Beatriz, de Carregosa, presente com o seu contributo, «agora de 50 euros para aplicarem no que mais necessitam os Pobres. Que o Senhor vos ajude e acompanhe para que também eu possa cumprir com esta obrigação por muito tempo. Não quero recibo nem agradecimento. Só quero ajudar alguém que precise».

Lisboa — assinante 4431: «envio cheque, desejando que a esta modesta contribuição muitas valiosas vos cheguem, sempre precisas para ajudarem tantos Pobres — como fazem. Gostaria que fosse mais elevada, só que vivo de pensões e nesta altura ajudo mais algumas instituições de que sou sócia, todas elas carenciadas».

Vinte e cinco euros do assinante 53241, do Luso, para «suprir necessidades de irmãos nossos que precisam da nossa partilha».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**COLHEITA** — Chegou mais um ano de colheita. Já começámos a apanha da batata, da ameixa, da ervilha, tudo isso nos serve de alimentação. Esperamos que para o ano tenhamos uma boa quantidade de tudo, como este ano, e, agora, esperamos que os outros frutos cresçam, para os colher e comer.

**FÉRIAS** — O primeiro turno seguiu para a praia. Já está em nossa casa de férias em Azurara e o turno está a acabar. Depois, segue o segundo para Azurara. Os rapazes estão contentes, os do primeiro e os que vão a seguir.

**MILHO** — Já foi semeado em dois campos. Depois será ensilado para as nossas vaquinhas.

**PISCINA** — Agora, sim. Os rapazes querem que as horas passem num instante, com o calor deste sol maravilhoso que nos dá alegria. Os rapazes trabalham bem, e depois também sabe bem um bom mergulho, fresco, na piscina.

Hugo Santos («Russo»)

**DESPORTO** — Mesmo em vésperas de S. João, o desporto não passou despercebido. No dia 22 de Junho, realizou-se um desafio de futebol em que estiveram frente a frente os Iniciados e os Seniores. O resultado final, foi um empate. Claro, empate propositado, pois ninguém tem ilusões!...

Apesar do jogo ser entre nós, tudo foi processado como se se tratasse de um desafio oficial. O campo foi marcado com

rigor e tudo se equipou com o equipamento oficial para, durante os 90 minutos, se lidar com a «redondinha» como manda a lei...

Apesar dos Iniciados terem que defrontar os Seniores e haver diferença de idades, não houve problemas já que, o objectivo deste jogo, como de qualquer outro, é o convívio e não a vitória obcecada através dos golos. Foi o que aconteceu. Houve golos para todos os gostos e feitios. Fizeram-se várias substituições. No entanto, a grande alteração do encontro, foi a do «Mancha», guarda-redes titular dos Seniores, pelo colega da especialidade, mas suplente dos Iniciados. Mesmo assim, em determinada altura do desafio, com alguma sorte, mostrou que a baliza não estava abandonada. Como estamos no final da época e já se tinha decidido quem subia de escalão, ao intervalo, Luís Ângelo, Fábio e Filipe Almeida, trocaram de equipa e de equipamento. O Macieira, também mudou de escalão, embora não tivesse sido utilizado, neste e nos dois últimos jogos. Ele não comparece aos treinos..., não dá bom resultado. Somos um grupo de «fabrico caseiro», mas gostamos que haja respeito uns pelos outros.

Enquanto decorria o desafio, «Moranguinho», acompanhado de mais alguém, estava a acender os fogareiros e a tratar do caldo verde, assim como das sardinhas e das fêveras, para depois serem assadas.

No final do jogo, foram tomar banho à piscina, que, neste dia, teve a sua abertura oficial. Enquanto a malta usufruía a seu belo prazer da piscina, o Nilton, «Caneco» e «Turbinas», transpiravam a assar as sardinhas e as fêveras, ao mesmo tempo a borra era partida para depois acompanhar a sardinha assada e o caldo verde. Para as fêveras, tínhamos pão de trigo que, tal como a borra, tinha sido cozida de propósito para aquele fim.

Toda a comunidade esteve presente. Também não foram esquecidos, apesar de não estarem presentes no meio daquela paródia, o nosso Padre Luiz e a Mãe Irene. Uma das senhoras encarregou-se de lhes levar o que entendeu e, pelos vistos, gostaram.

Tudo estava satisfeito. À medida que as sardinhas iam ficando prontas, aparecia um grupo de rapazes com a borra na mão, para ser colocada a respectiva. Foi uma alegria ver toda a gente feliz e bem disposta.

Agora, que durante o Julho e o Agosto estamos em descanso nas andanças de «futeboís», espero que toda a gente consiga armazenar força física, mental e psicológica, para a próxima época.

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

**ENCONTRO ANUAL DOS ANTIGOS GAIATOS** — Decorreu no dia 30 de Junho com uma grande festa

que levou algum tempo a preparar: a limpeza da piscina, dos jardins e das ruas da Casa, tal como a montagem de uma rede no nosso largo para nos proteger do sol, durante a refeição. Foram algumas actividades laborais que ocuparam o nosso tempo até ao grande dia. No decorrer da tarde foi organizado um jogo de antigos gaiatos contra os que ainda aqui vivem, acabando o jogo empatado a quatro bolas. Queremos agradecer por terem partilhado este dia connosco e agradecer aos antigos gaiatos e suas mulheres pela ajuda dada na organização desta festa.

**OBRAS** — Para melhor comodidade e bem-estar dos nossos rapazes, estão a ser feitas reparações em algumas das nossas instalações; também devido ao facto de estarem velhas. Também a nossa casa da praia, em Mira, se fizeram algumas obras: portas, janelas, pintura de toda a casa, grades e camas. Este trabalho foi feito por um grupo dos nossos rapazes que se esforçaram por deixar a casa muito mais bonita. Também no Lar de Coimbra irá acontecer o mesmo, uma vez que já começaram as férias.

**FINAL DAS AULAS** — Finalmente chegaram as férias! Para aqueles que passaram de ano serão boas, mas os que não passaram vão ter muito que pensar para que no próximo ano lectivo se empenhem mais. O João «Pequeno» acaba o 12.º ano e espera pelos resultados dos exames. O Manuel António, outro dos nossos estudantes de Coimbra e chefe do Lar, passou para o 12.º ano. Dos seis estudantes do Secundário, estes foram os que estiveram melhor durante o ano lectivo. Um chumbou no 10.º ano e eu terei de fazer um exame final em Setembro para transitar de ano.

**BATATA** — Falta apanhar a da terra dos grilos. É bastante mais que o ano passado. É um dos nossos principais géneros de subsistência e que nunca nos pode faltar. Também o nosso milho já está muito crescido para ser colhido em Setembro e depois servir de refeição ao nosso gado.

Ángelo Gerales

## TOJAL

**FÉRIAS** — Chegaram as férias, o primeiro grupo já está de repouso e é constituído pelos mais pequenos, os «Batatinhas».

É deles que nos vem toda a alegria de continuar a lutar, pois eles são o jardim principal da nossa comunidade.

A Casa do Gaiato é uma família, e eles são os irmãos mais pequeninos. Sendo assim merecem todo o carinho que esteja ao nosso alcance.

**PISCINA** — A nossa piscina já está aberta. Nestes dias de

calor nada sabe melhor do que um mergulho para refrescar.

## Corrida pela vida

Um monte  
Várias descidas  
Um homem  
Muitas tarefas

Deserto sem água  
Caminho longínquo  
Estrada sem régua  
Voa o morcego

Existe vida  
O coração bate  
Continua a corrida  
Procura-se a fonte

Todo o ser  
Tem o mesmo destino  
Correr para vencer  
Alcançar o divino.

Abílio Pequeno

## SETÚBAL

**ESCOLA** — Já terminou. Passaram muitos rapazes e alguns chumbaram. Eu fui um deles. Para o ano voltaremos para estudar e espero passar de ano.

**BATATA** — Temos andado na apanha com a ajuda da máquina da batata. Esta põe-na à superfície da terra e nós apanhamos a boa para um lado, a esfolada para outro e a pequenina para outra caixa. No final o tractor leva-a no reboque para a casa-da-batata, e nós aproveitamos a boleia. antes de se espalhar e pôr pó, tem de ser escolhida e que esteja podre que segue para a estremeira.

**MILHO** — Andamos a arrancar erva nos campos do milho. O Amândio, o João Correia e o «Lagarto», encarregam-se de o regar. Ligam os motores da rega e puxam a água de dentro do poço para os torniquetes que espalham a água.

**TOMATE** — Temos comido boas saladas. Dá muito trabalho arrancar as ervas daninhas, apanhar o tomate e prepará-lo para comer. Mas vale a pena porque fica muito saboroso.

**VACARIA** — Os da serra-lharia andam a montar tubos de água para molhar o chão, para que o rodo limpe mais facilmente o estercos dos bois e das bezerras. Aproveitamos também para fazer uma limpeza geral aos currais.

**PISCINA** — As obras estão quase prontas. Está a ficar muito bonita a nossa piseina! Temos uma prancha para saltarmos para a água. Os banhos têm sido muito bons, mas no princípio a água estava gelada.

Luís («Caras Lindas»)

## MOÇAMBIQUE

**SEMANA DESPORTIVA** — De 24 a 29 de Junho decorreu a semana desportiva, em nossa escola. Para além dos muitos desportos realizados, houve, no fim, um convívio.

Mas, não foram só desportos que fizemos durante esta semana. Visitámos a T.V.M., Porto, Aeroporto, Museus e a linda praia da Costa do Sol. Também vimos feras.

Com o fecho da semana desportiva iniciou-se um período de férias de quinze dias.

**FEIJÃO** — Chegou a altura de se prepararem os cestos para a recolha do feijão. Em anos anteriores temos tido boas colheitas.

Esta sementeira serve para nos alimentar e às creches das comunidades vizinhas.

Esperamos que este ano a colheita nos seja favorável, sem peste de insectos para conseguirmos bons rendimentos.

**IRMÃOS ANGOLANOS** — Estou a festejar a mesma alegria por compreender e saber que a paz está no interior de cada um de nós. Sabendo que o sofrimento está connosco, gostaria, se possível, de partilhar este amor de sofrer em Angola.

Meus irmãos a vida é um choro seco. Mas de choro seco nasce alegria de descobrir a perseverança.

Irmãos, é de mãos dadas como gaiato que construímos o amor que podemos com ele no futuro servirmos.

Ser gaiato é suar pelo sacrifício de ser gente.

Ser gente digna de tornar-se homem.

Ser gaiato é sofrer como angolano para descobrir a verdadeira vida.

E chorar para um dia ser alegre e limpo das impurezas do coração.

É com muito carinho e amor que dirijo esta crónica para vós. Desejo-vos boas saídas do mundo negro e sangrento de guerra e boas entradas no mundo puro de Deus que é de paz.

Um choro pela vida é alegria de viver.

Vicente Alberto Timbo

## ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

**ENCONTRO ANUAL** — Realizámos mais um Encontro-Convívio na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, como é hábito, tendo tudo corrido dentro da normalidade e em que tivemos nova oportunidade de conviver com velhos



# África

Continuação da página 1

Sem expectativa de resultados espectaculares e imediatos, penso que é um passo muito sério este compromisso tomado pelos Africanos e espero — isso sim — que se lhe sigam muitos passos consequentes. E que eles motivem o Norte do mundo a transformar um humanitarismo infecundo e tantas vezes hipócrita numa cooperação humana dos mais desenvolvidos aos que o são menos, em que razoáveis interesses bilaterais sejam procurados e sinceramente declarados, mas defendidos de qualquer intenção

exploratória que sempre envenena toda a relação entre os homens.

A Ministra do Reino Unido diz isto mesmo a respeito da parceria a estabelecer entre o seu país e Moçambique: «políticas de interesse mútuo; prevenção e resolução de conflitos; aumento do comércio; melhoramentos da Saúde e Educação; encorajamento ao desenvolvimento; redução da pobreza; criação de um ambiente em que a democracia possa florescer».

As conclusões desta visitante «ajudaram na concepção do plano de acção dos G-8 para África, lançado na recentíssima Cimeira em Kanaskis (Canadá).

Os biliões de dólares prometidos têm assim mais probabilidade de serem entregues». E «pensamos — dizem eles — que haverá mais à medida que África vá colocando em prática as ideias da NEPAD». «A maior parte do dinheiro necessário para a realização das metas desejadas será em forma de investimentos, pois que a dinâmica real para gerar o desenvolvimento e crescimento em África vem dos investimentos do sector privado e não do fluxo de ajuda» — esclarece a senhora Ministra.

Também penso que sim: É a iniciativa e trabalho dos Africanos que despoletará a ajuda exterior tanto quanto for necessária. Lembra-me a sabedoria cristã que, de pequenino, aprendi de minha mãe: «Diz-nos Deus: Põe a tua mão e Eu te ajudarei».

Padre Carlos

## Praticando o Bem

Continuação da página 1

Olhe que não posso ganhar. O meu menino vai ficar assim?

Entrementes decorreram mais de duas horas e o pedinte não desistiu. Sempre que passava junto dele, atirava-se.

As Misericórdias deveriam usar mais de *Misericórdia*. E a gente sabe que em tantas circunstâncias, funcionam mais como centros burocráticos do que como instâncias de acolhimento à dor humana. Sabemos com desgosto.

Elas foram criadas, todas,

com vista a socorrer os mais frágeis e, nunca, como empresas de rendimento, quase só a proteger os que podem pagar.

A presença do homem foi-me dominando interiormente, e, a pouco e pouco, deixei-me vencer. *É melhor ser enganado do que negar um auxílio a quem precisa.*

O Evangelho e as atitudes de Jesus iam bailando na minha consciência enquanto trabalhava, com o pobre à espera.

Até me lembrei da parábola do juiz iníquo que só fez justiça à pobre viúva,

após intensa perseverança, para se livrar dela.

Não será verdadeira a situação do doente? É muito dura a vida de quem se vê com filhos, com doença, sem poder trabalhar e meios para vencer.

Ó dor!...

Partiram-se as amarras e pus, para me libertar, na sua mão, os quarenta euros.

Tenho experiência de ser pedinte há muitos anos. De o fazer com pesadas razões. E também a alegria, mil vezes repetida, de ver satisfeitos os meus rogos.

Padre Acílio

### ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE MALANJE

Vou despedir-me, hoje, do Pedro que vai até nossa Casa do Gaiato de Malanje. Não me contive, lembremo-nos, com saudades, da terra vermelha de Angola e dos passeios educativos que Padre Telmo nos dava, num vai e vem, frente à Capela com o Cruzeiro a servir de vigilante.

Há meninos sem família que não têm céu azul nem estrelas a brilhar no firmamento, sem sorrisos de felicidade, braços frágeis que pedem amor fraterno; o carinho amigo que sempre lhes foi negado. Crianças que nascem e vão crescendo, aos milhares, como o alecrim dos campos, que nasce sem ser semeado e nunca será cuidado.

Crescemos em campos que foram semeados e tratados com amor, protegidos com céu azul e estrelas a brilhar. As Casas do Gaiato procuram educar e proporcionar um ambiente familiar a cada criança que entra no seu seio, por ser mais um filho que nasce.

Vamos, alegremente, mandar um abraço a Padre Telmo, animá-lo no seu quotidiano, também para ele sentir o prazer da amizade destes filhos que residem longe, mas com saudades familiares.

Sempre que alguém vai a Malanje, recordo Pai Américo e as suas viagens: Levava sempre, como companhia, um rapaz que tivesse nascido na terra que visitava. Não nascemos no Culamaxito, mas foi aí que tivemos a nossa educação, devolveram-nos a vida com carinho e fraternidade; como gostaríamos de voltar ao passado e relembrar os anos lindos que atravessámos nesta nossa passagem pelo mundo.

Se a inveja é pecado, nós somos pecadores. Sentimos arrelia quando alguém viaja com a grande preocupação dos Pais da Rua, mas a que mais alegrias nos dá, as Casas do Gaiato de Moçambique, Malanje e Benguela.

Não sei se esta é a vossa concepção, mas transmito o meu amor-perfeito avaliando toda a nossa fraternidade e o nosso conceito da palavra «Família».

Manuel Fernandes

nha quer a servir e a arrumar, sob o comando do nosso colega que mais uma vez a isso se prestou e a quem agradecemos, o Bandarra.

Não faltaram o caldo verde, arroz à valenciana, salada de frutas, sumos e vinhos, e o pão da Casa. Na merenda, além de muitos bolos trazidos por todos, arroz doce, sandes variadas e sumos; nem um barril de vinho faltou!, tendo-nos chegado, por comerciante de Miranda, alguns frangos assados, e aqui cabe-nos agradecer ao «Chola» toda a sua boa vontade na angariação de muitas coisas para este dia junto dos diversos comerciantes da Vila que nos ofereceram o que puderam do seu comércio e a quem ficamos imensamente gratos pela sua compreensão. Contamos sempre convosco apesar de algumas dificuldades.

Ao mesmo tempo, aproveitamos para renovar os agradecimentos a quem nos ofereceu tabuleiros para servir, à Comerlusa de Coimbra pelos sumos e à Fábrica de Cutelarias António Silva, Lda., de Guimarães, por alguns talheres, mas precisamos de mais porque os da Casa não chegam e estamos à espera de louça de alumínio da Fábrica Nacional de Vila Nova de Gaia. A todos o nosso renovado muito obrigado por tudo.

A piscina serviu de divertimento para muitos, a bola também saltou nos pés de alguns, mas poucos que o tempo não chegou, e todos nos retirámos com abraços e desejos de boa viagem e esperamos já pelo próximo encontro.

Manuel dos Santos Machado

## Moçambique

Continuação da página 1

de promoção turística. Recordo Agostinho Neto que perguntou a uma familiar se na sua paróquia iam todas as crianças à catequese, e disse: «perdemos a juventude. Quando eu vier, as coisas vão mudar». E partiu ao outro dia, para donde só regressou morto. «Amanhã será tarde» era um título de filme sobre educação sexual, creio que nos anos cinquenta. Daí para cá evoluíram os conceitos de educação e de moral, para permissividade absoluta e até o de vida cristã, para qualquer coisa, como pronto a vestir.

Os rapazes libertos da rua, precisam passar por uma vivência cristã e profissional muito segura e demorada, nem sempre possível, pela idade ou pelas marcas profundas que trazem, mas também pela nossa incapacidade de estar atentos a todos e a tudo. Pai Américo vivia isso quando dizia: *Senhor, eles são mais teus do que meus. E quando os vemos perdidos: chorar os nossos pecados.*

Padre José Maria

colegas, a maior parte acompanhados de familiares e constatámos que toda a gente safu satisfeita, prometendo voltar para o ano.

A Assembleia Geral tomou-nos muito tempo, dada a tentativa de termos tido a velocidade de estudarmos umas alterações aos Estatutos, que há muito verificámos estarem desatualizados, mas não o conseguimos, tendo ficado para nova oportunidade.

Como estamos em ano de eleição, realizámo-la, tendo continuado tudo mais ou menos na mesma, somente com a troca da Mesa da Assembleia Geral, dada a

impossibilidade de o anterior Presidente, o Chico Zé Leitão Ribeiro, ter sido colocado em Faro como professor e ser-lhe difícil conciliar. Assim a composição passou a ser liderada pelo José Martins de Carvalho; na Direcção, o Manuel dos Santos Machado; e no Conselho Fiscal, o José António Rodrigues Silva («Chola»). Como não apareceram candidatos para estes dois órgãos, resolvemos continuar.

Depois da Eucaristia seguiu-se o almoço, servido para todos, incluindo os da Casa, em que mais uma vez contamos com a colaboração de várias mulheres, quer na cozi-

## DOCTRINA



«Trabalha que Deus te ajudará»

FUI por aí abaixo até S. Martinho do Porto onde o mar entra por uma nesga e faz uma concha tão mansa e tão delicada que a vida ruidosa de outras praias tem medo e foge. Tudo ali é tranquilo. Celebrei no altar de S. Martinho. À estação da Missa, disse dos garotos dos caminhos e a multidão escutou. Já assim fora na praia de Espinho. Parece que o vento devia levar as palavras, pois que as disse à beira-mar; mas o coração prende-as e todos, nas ruas e nos cafés, escutaram. O coração é o tesouro do homem; é mesmo por onde ele é homem. Inteligência, prestígio, fortuna, posição — somente valem se o coração estiver. Mãos piedosas desceram ao corpo da igreja, a recolher piedosas ofertas; notas, moedas, oiro — o sim devoto de uma assistência cristã. O Mundo anda com muita fome de Justiça. Quando a vê, dá; que o alimento adequado daquela virtude é justamente dar para que cada um tenha o que é seu. Soube que, de entre os assistentes, houve uma filha que pediu ao pai licença para oferecer uma pulseira. O pai disse que sim e ofereceu ele também um anel — e que anel! Pai e filha despojaram-se. Trata-se de um nome das mais gradas famílias da nossa terra. Outra jóia é um cestinho de rosas de oiro, de trazer ao peito. Ninguém sabe quem deu. Oh praia tranquila de S. Martinho do Porto!

FIQUEI aquela tarde. Crianças fidalgas apeiam-se de bicicletas para me dizerem que têm muita pena dos pequeninos da rua; e dão esmolas de mando de seus pais. Uma fidalga vem ter comigo, já escuro, e dá 500\$00 «de uma reunião lá em casa». Um Van-Zeller manda uma carta formosa e, dentro, uma nota das maiores que o Banco faz. Não se sabe que Van-Zeller foi; eles são tantos! Com um Van-Zeller tinha falado ontem, no Porto. Uma Van-Zeller deu-me da sua merenda na sua viagem. Van-Zellers têm escrito a pedir vez nas nossas Casas. A árvore dos Van-Zellers é enorme. Cafu em Portugal onde lançou raízes e tem dado bons frutos. Três irmãozinhos vão a uma casa onde eu estava, com um envelope. O mais velho, talvez de sete anos, apresenta os irmãos e dá o recado do pai. Tiro de sobre a mesa uma bolacha para dar ao mais pequenino deles, talvez de quatro anos. Não aceita. Ateimo. Não abre a boca. O mais velho explica: «É que não podemos comer fora de horas». Senhor Doutor Ravana, bem haja pela lição que o seu filho me deu. Hei-de aproveitá-la para os meus. Que todos os pais aproveitem. Aquele «não podemos» é simplesmente formidável.

A hora de comboio foi de mais ofertas — as da última hora. A viagem do Porto fora, já, auspiciosa: houve um «tome lá 50\$00» em Aveiro e mais 10\$00 idem. Houve 50\$00 na carruagem. Houve um «a gente agora nunca o vê e aqui tem 200\$00». Tinha sido auspiciosa. Muito mais o foi a romaria: um nadinha abaixo dos oito contos, sem falar em 15 gramas de oiro em obra. Temos o cálice da nossa Capela à vista!

REGRESSEI. À passagem por Monte Real olhei para o hotel. Talvez um assalto fizesse bem aos assaltados, mas eu não tinha voz de chamada; ora a boda e a baptizado só irás se fores chamado. Talvez o façam parao ano. Parei em Coimbra. Paguei um cão aos Martas, de azeite. Deixei para outra vez uns rafeiros na Baixa; dei volta pelas tocas, morada da minha gente; e fui dormir a Miranda do Corvo onde não ia há um ror de tempo.

*D. Amén. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)



## BENGUELA

## Marco na história da nossa Casa

**H**Á dias que são de Festa. Quem os não tem? Este dia em que vos escrevo, é de Festa grande em nossa família. Porquê? Trinta e oito rapazes receberam o sacramento da Confirmação ou Crisma. Fizeram-no em liberdade. Estavam em idade de decidir. Foi-lhes pedido expressamente que decidissem. Ninguém seria obrigado. Salvo duas excepções, todos andavam nos dezoito anos e mais. Aconteceu neste Domingo, 14 de Julho de 2002. É um marco na história da nossa Casa do Gaiato de Benguela.

Não erro, contudo, se disser que os espera um caminho duro. É o sentido das realidades e não pessimismo. Cada um está a construir o homem. É um trabalho lento e doloroso também. A perseverança é o segredo da vitória final. É difícil perservar.

Pai Américo pensou a Casa do Gaiato como a Casa de Família dos sem família para «fazer de cada rapaz um homem». Criatura de Deus, o homem tem uma vocação divina. Realizá-la até ao fim é caminhar para a plenitude. O estômago é importante. Matar a fome aos famintos; dar-lhes os meios necessários para viver dignamente é

o princípio. O homem é inteligência também. Pensa e é livre. É muito importante, mas não é tudo. O homem tem uma vocação divina. Os herdeiros forçados da miséria social são portadores duma alma espiritual. Ajudá-los a descobrir a sua grandeza é missão completa das Casas do Gaiato.

Pai Américo tem um respeito tão grande, tão grande, pelos filhos abandonados, os garotos da rua, que vai preparar-lhes o que tem de melhor! Vai dar-lhes o que tem mais valor: a sua própria vida. Vai construir para eles as Casas mais bonitas da nação. Diz ele: «Eu sou a voz que se levanta a favor das imensas legiões de pequeninos que vagueiam abandonados pelas ruas e caminhos, sem família, sem amigos. Fiadores da Humanidade. Património da Nação. Sou a voz que se levanta. Trago o ramo de oliveira, que não a bandeira negra das revoluções de sangue».

Bem no centro do carimbo da Obra da Rua — Casa do Gaiato, a autenticar o que deve ser, está escrito: «Santuário de almas». As Casas do Gaiato nasceram como santuários de almas. Com este dinamismo, com esta estranha forma de proceder, Pai Amé-



Parte do grupo de trinta e oito rapazes que fizeram o Crisma em nossa Casa.

rico, despojado de tudo, sem nada de seu e a depender de todos, começa a trabalhar e a produzir.

Feliz coincidência! O dia da Festa do Sacramento do Crisma junta-se ao dia da Festa da Obra da Rua: 16 de Julho. Pai Américo, no seio de Deus Pai, continua presente no meio de nós. À maneira do Evangelho foi escândalo para uns e loucura para outros. Deste modo lançou os ali-

cerces duma Obra Social genuinamente cristã.

O 16 de Julho, dia em que Pai Américo nasceu para o Céu, ficou a marcar o encontro da grande família dos que já passaram pela Casa do Gaiato com os que agora vivem cá dentro. É um empurrão para a frente, dizem eles, aos que, agora, estão a subir na vida. Bem hajam todos.

Padre Manuel António

## ENCONTROS EM LISBOA

## Gostaria de ver menos gente em volta dos nossos miúdos

**N**O próximo ano lectivo vou ver partir, todos os dias, para o Segundo Ciclo do Ensino Básico, três meninos que se revelaram muito bons estudantes e cuja idade está dentro dos padrões normais (caso raro em nossas Casas). Ao olhar para eles, para as sacolas que os colegas costumam levar, decidi pôr por escrito algumas reflexões que, desde há longo tempo, ocupam o meu espírito. Trata-se do salto gigantesco que é a passagem entre o Primeiro e o Segundo Ciclo do Ensino Básico. Estou em crer que muito insucesso escolar se deve a este salto não suficientemente acautelado.

Com efeito, o Primeiro Ciclo do Ensino Básico, antiga escola primária, é um ensino bastante humanizado. Apenas um professor durante todo o ano, a mesma turma, espaço restrito, horário não muito dispersivo. Com a passagem para o Segundo Ciclo do Ensino Básico (5.º e 6.º ano) tudo se altera. Sete ou oito especialistas de volta destes meninos, cada um com seu método, as suas normas, a sua forma de estar, o seu

relacionamento. Horários interrompidos de hora a hora com seus intervalos dispersivos num meio bastante disperso e multitudinário. Quase é normal que, ao fim do dia, quando se pergunta como correu o dia, oiçamos um «sei lá» ou quando perguntamos o que aprenderam, temos a resposta «foi tanta coisa que já não sei». Reconheço que muitos miúdos perdem o pé para não dizer a orientação e, pouco a pouco, aparece o enfado pela escola, o desfazamento face aos professores, o deixa correr. Se me pedissem a opinião, não hesitaria em dizer que a passagem entre o Primeiro e o Segundo Ciclo teria que ser muito mais equilibrada e cuidada. Menos professores, talvez três, no máximo quatro. Horários mais adequados em que dia-

riamente se estudassem duas ou três disciplinas e não cinco ou seis. Talvez que dessa maneira a desorientação não fosse tanta, a relação fosse mais próxima e humana e o aproveitamento melhor porque mais adequado; onde os problemas se detectariam mais rapidamente e mais rapidamente encontrariam uma solução.

Também a passagem entre o Segundo e o Terceiro Ciclo me parece que deve ser revista e cuidada. Não entendo que sejam precisos nove especialistas — professores para dar conteúdos programáticos até ao nono ano. Sete horas de aulas com sete intervalos mais o intervalo de almoço, onde o ritmo escolar está constantemente a ser interrompido e o ambiente de estudo e a sua necessária concentração deixou de exis-

tir. Também nesta fase a relação é importante, estamos já em plena adolescência e as transformações são rápidas e imprevistas se não se está muito atento.

Em resumo, gostaria de ver menos gente de volta dos nossos miúdos, mas gente mais próxima, melhor encadeamento das matérias, melhor aproveitamento do tempo enquanto se está na escola, mais exigência. Não serão os exames de Português e Matemática no nono ano que irão resolver o problema. Talvez dêem uma imagem do insucesso do sistema e mais uma vez serão os miúdos os penalizados por um sistema que não foram eles que o construíram nem o podem alterar.

Padre Manuel Cristóvão

## Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

a maré traz muitos dissabores aos mais comprometidos. Mas quem traz no coração a dor dos mais fracos e pobres não pode deixar de se indignar com os gastos sumptuosos que envolvem a realização de muitas festas.

O Padre Américo continua a proclamar bem alto: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». Já nos têm chegado apelos de freguesias onde se realizam tais festejos... Cada coisa no seu lugar e a seu tempo, certo! Mas, e nunca é demais recordar, a qualidade de uma comunidade cristã não se mede pela projecção das suas romarias ou pelo troar do seu foguetório. A sensibilidade à partilha de bens e meios, a prontidão em apaziguar mal-entendidos, a promoção da paz e da concórdia seriam estandartes de precissão mais convincentes para aqueles que passam e duvidam.

Padre João

## SETÚBAL

## Mais um ano

**C**ONTAR aniversários, é uma questão aritmética que diz respeito ao tempo. Da abundância dos frutos gerados, fala-nos a vida dos que passaram pelo tempo.

Mais um ano de vida, da nossa Casa de Setúbal, são os frutos nascidos e criados na vida dos que aqui vivem ou que a partilham connosco.

Sabemos que a vida se gera na natureza dos homens fecundada pelo amor de Deus. A simples natureza não tem em si o dom da vida — a sua tendência é para a morte. É o dom de Deus que a faz germinar e a leva a dar fruto: a cem, a cinquenta e a trinta por cento.

Queremos que a nossa continue a buscar a sua seiva vital na Fonte da vida.

Desconfiamos da vida monótona, sem sobressaltos. A aparência da estabilidade pode não significar vida em gestação.

Acreditamos que a vida só acontece na transformação das coisas; mais ainda, na elevação da sua natureza.

No balanço de mais um ano, importa que cada um meça não o que fez, mas aquilo que fez a si mesmo, o que se fez. Isto, é o verdadeiro fruto.

Os factos inesperados, são a constante da nossa vida. As nossas preocupações estão nisto mesmo — trabalhar para os evitar. Mas eles acontecem!

Esta vez foi o Daniel, rapaz criado nesta sua casa desde menino pequeno. Deixou-se influenciar e foi para uma situação de vida complicada. Era já o nosso electricista e, embora com raízes difíceis, vinha-se construindo com carácter. Como outros nesta idade, deixou-se ir, empurrado por si e por outros.

Nesse mesmo dia, e com intervalo de minutos, recebemos outro rapaz. Na sequência da conversa com ele, fez a pergunta: «Têm oficina de electricista? Eu gosto de ser electricista».

Coincidências que não nos impedem de ter dois electricistas...

Hoje, antigo gaiato, já avô, veio visitar-nos. Também ele, recebido com três anos de idade, fora embora desta Casa aos dezassete. A sua amizade connosco e com a família que gerou, alicerçou-se em rocha firme. Em caminhos estreitos e de abismos se fazem muitas vidas humanas. Grande prova se faz à semente que nelas foi semeada. O grão de mostarda, embora pequeno, dá origem a uma grande planta. Se a fé for do tamanho desse grão!?

O mundo preocupa-se com cursos, com formação, com bens materiais, como o melhor bem. Sem lhes faltar o necessário, que os nossos tenham o valor maior — o grãozinho da fé.

Padre Júlio

## PENSAMENTO

Diante de casos assim..., ajoelha mais eu e admira de mãos postas o infinito saber de Deus.

PAI AMÉRICO